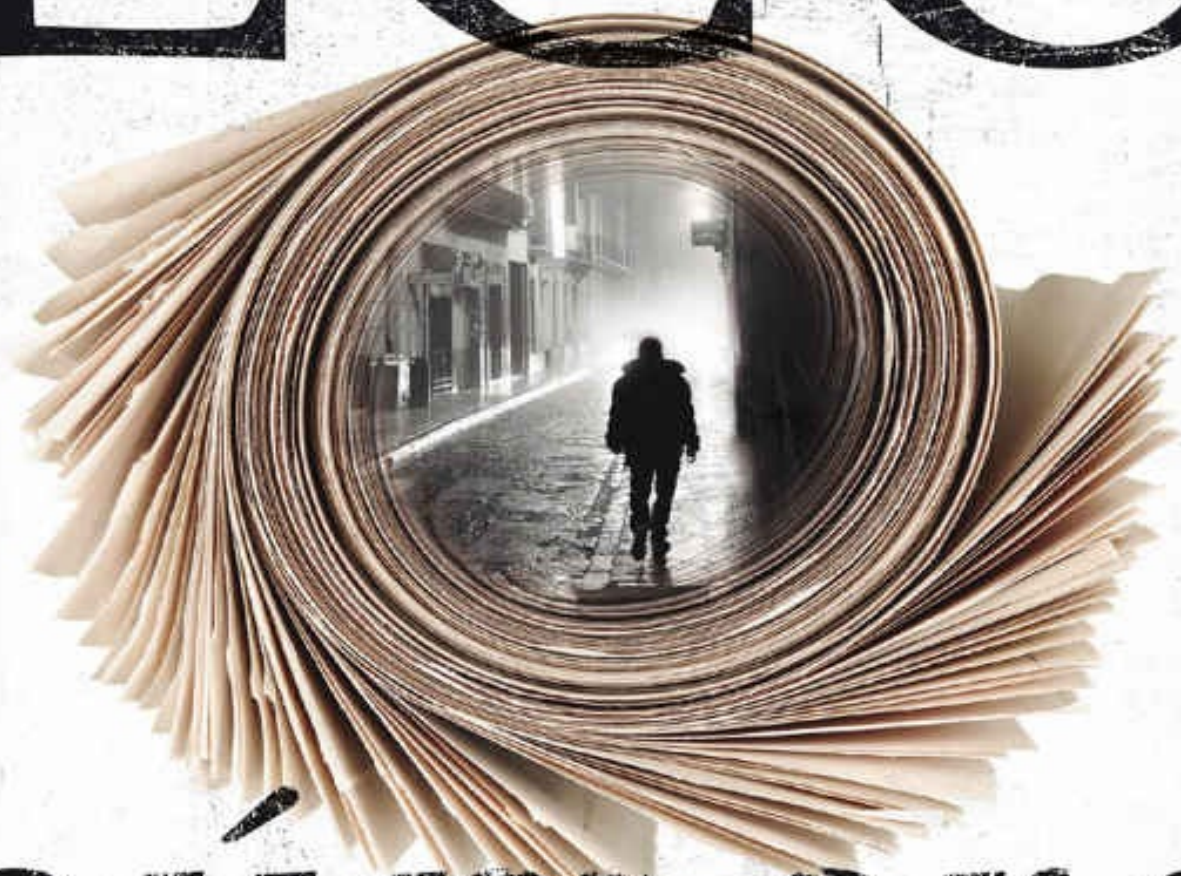


UMBERTO
ECCO



número
ZERO

U M B E R T O
E C O
TRADUÇÃO DE IVONE BENEDETTI
número
Z E R O

1ª edição



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Eco, Umberto, 1932-

E22n

Número zero / Umberto Eco; tradução de Ivone Benedetti. – 1. ed. –
Rio de Janeiro: Record, 2015.

Tradução de: Numero zero

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

Inclui índice

ISBN 978-85-01-10540-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção italiana. I. Benedetti, Ivone. II. Título.

15-21818

CDD: 853

CDU: 821.131.1-3

Título original em italiano:

Numero zero

Copyright © Bompiani / RCS Libri S.p.A. – Milan 2015

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução,
no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Editoração Eletrônica da versão impressa: Abreu's System Ltda.

Imagens de capa:

Jornal: ConstantinosZ / shutterstock

Homem no beco: Concept Photo / shutterstock

Textura: Dziejul / shutterstock

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10540-0

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Anita

Only connect!

E. M. FOSTER

Sumário

- I. Sábado, 6 de junho de 1992, 8 horas
- II. Segunda-feira, 6 de abril de 1992
- III. Terça-feira, 7 de abril
- IV. Quarta-feira, 8 de abril
- V. Sexta-feira, 10 de abril
- VI. Quarta-feira, 15 de abril
- VII. Quarta-feira, 15 de abril, à noite
- VIII. Sexta-feira, 17 de abril
- IX. Sexta-feira, 24 de abril
- X. Domingo, 3 de maio
- XI. Sexta-feira, 8 de maio
- XII. Segunda-feira, 11 de maio
- XIII. Fim de maio
- XIV. Quarta-feira, 27 de maio
- XV. Quinta-feira, 28 de maio
- XVI. Sábado, 6 de junho
- XVII. Sábado, 6 de junho, meio-dia
- XVIII. Quinta-feira, 11 de junho

Sábado, 6 de junho de 1992, 8 horas

Hoje de manhã não saía água da torneira.

Blop blop, dois arrotinhos de recém-nascido, mais nada.

Bati na porta da vizinha: na casa dela, tudo normal. Deve ter fechado o registro geral, disse ela. Eu? Não sei nem onde fica, faz pouco tempo que moro aqui, sabe, e volto para casa só à noite. Meu Deus, mas quando o senhor viaja uma semana não fecha a água e o gás? Eu não. Mas que imprudência, me deixe entrar, vou lhe mostrar.

Abriu o gabinete da pia, mexeu em alguma coisa, e a água chegou. Está vendo? Tinha fechado. Desculpe, sou tão distraído. Ah, vocês, *single!* Sai de cena a vizinha, mais uma que agora fala inglês.

Nervos sob controle. Não existe *poltergeist*, só em filme. E não é que eu seja sonâmbulo, porque mesmo se fosse sonâmbulo não saberia da existência daquele registro, senão o teria usado desperto, porque o chuveiro vaza e estou sempre correndo o risco de passar a noite em claro, ouvindo o tempo todo aquela goteira, parece que estou em Valldemossa. Na verdade, muitas vezes acordo, me levanto e vou fechar a porta do banheiro e a outra, entre o quarto e a entrada, para não ficar ouvindo aquele pinga-pinga danado.

Não pode ter sido, sei lá, um contato elétrico (o manípulo do registro, como diz a própria palavra, funciona manualmente), nem um rato, que mesmo se tivesse passado por lá não teria força para movimentar o bregueço. É uma roda de ferro das antigas (tudo neste apartamento conta no mínimo cinquenta anos), ainda por cima enferrujada. Portanto, era preciso uma mão. Humanoide. E não tenho chaminé por onde pudesse passar o orangotango da rua Morgue.

Raciocinemos. Cada efeito tem uma causa, pelo menos é o que dizem. Descarto o milagre, não vejo por que Deus se preocuparia com o meu chuveiro, nem é o mar Vermelho. Logo, para efeito natural, causa natural. Ontem à noite, antes de me deitar, tomei um Stilnox com um copo d'água. Logo, até aquele momento ainda havia água. Hoje de manhã já não havia. Logo, meu caro Watson, o registro foi fechado de madrugada — e não por você. Alguma pessoa, algumas pessoas estiveram em minha casa e rezearam que eu despertasse não com o barulho delas (seus passos eram abafadíssimos), mas com o prelúdio da goteira, que também as incomodava, e elas talvez até se perguntassem como é que eu não acordava. Portanto, sendo espertíssimas, fizeram o que a minha vizinha também teria feito, fecharam a água.

Que mais? Os livros estão arrumados na sua desordem normal, os serviços secretos de meio mundo poderiam ter passado por aqui, folheando página por página, e eu não teria percebido. Bobagem olhar as gavetas ou abrir o armário da entrada. A quem queira descobrir algo hoje em dia, só há uma coisa a fazer: vasculhar o computador. Para não perderem tempo, talvez tenham copiado tudo e voltado para casa. E só agora, depois de abrirem mil vezes cada documento, perceberam que no computador não havia nada que pudesse interessar-lhes.

O que esperavam encontrar? É evidente — quero dizer, não vejo outra explicação — que procuravam algo referente ao jornal. Não são burros, terão achado que eu deveria ter feito anotações sobre todo o trabalho que estamos fazendo na redação — e que, se sei alguma coisa sobre o caso de Braggadocio, devo ter escrito em algum lugar. Agora terão imaginado a verdade, que guardo tudo num disquete. Naturalmente esta noite também terão visitado o escritório, e disquete meu que é bom não acharam nenhum. Portanto, estão concluindo (mas só agora) que devo guardá-lo no bolso. Imbecis que nós somos, estarão dizendo, deveríamos ter procurado no paletó. Imbecis? Babacas. Se fossem espertos não acabariam fazendo serviço tão porco.

Agora tentarão de novo, e pelo menos até a carta roubada hão de chegar, mandam uns falsos punquistas me roubar na rua. Por isso, preciso ser rápido antes que tentem outra vez, enviar o disquete para um endereço de posta-restante e depois vejo quando o retiro. Mas cada bobagem que

me passa pela cabeça, já mataram um e Simei deu no pé. Para eles não adianta saber se eu sei e o que sei. Por via das dúvidas me eliminam, e a coisa acaba aí. Nem posso ir pôr nos jornais que daquele caso eu não sabia nada, porque só de dizer isso já mostro que sabia.

Como foi que eu acabei nesta embrulhada? Acho que a culpa é do professor De Samis e do fato de eu saber alemão.

Por que me vem à mente De Samis, essa história de quarenta anos? É que sempre achei que foi por culpa de De Samis que nunca me formei e, se acabei nesta encrenca, é porque nunca me formei. Aliás, Anna me largou depois de dois anos de casamento porque percebeu, palavras dela, que eu era um perdedor compulsivo — sabe-se lá o que eu lhe havia contado antes, para fazer bonito.

Nunca me formei porque sabia alemão. Minha avó era do Alto Adige e me obrigava a falar alemão na infância. Desde o primeiro ano na universidade, para me sustentar, aceitei traduzir uns livros do alemão. Na época, saber alemão já era uma profissão. Liam-se e traduziam-se livros que os outros não entendiam (livros que então eram considerados importantes), e recebia-se mais do que para traduzir do francês e até do inglês. Hoje acho que acontece o mesmo com quem sabe chinês ou russo. Em todo caso, ou você traduz do alemão ou se forma, as duas coisas juntas não dá para fazer. Na verdade, traduzir quer dizer ficar em casa, no quente ou no fresco, e trabalhar de chinelos, ainda por cima aprendendo um monte de coisas. Por que frequentar as aulas na universidade?

Por preguiça, decidi me matricular num curso de alemão. Vou precisar estudar pouco, achava, afinal já sei tudo. O luminar, na época, era o professor De Samis, que criara para si aquilo que os estudantes chamavam de ninho de águia num edifício barroco decadente onde se subia por uma escadaria e se chegava a um grande átrio. Um dos lados dava para o instituto de De Samis, e do outro ficava o salão nobre, que era como o professor chamava pomposamente, em suma, um salão com cerca de cinquenta assentos.

No instituto só se podia entrar de chinelos. Na porta, havia chinelos suficientes para os assistentes e dois ou três estudantes. Quem ficasse sem chinelos esperava a sua vez do lado de fora. Tudo era encerado, acho que inclusive os livros nas paredes. Inclusive a cara dos assistentes,

velhíssimos, que desde tempos pré-históricos esperavam sua vez de chegar à cátedra.

O salão tinha uma abóbada altíssima e janelas góticas (nunca entendi por que num prédio barroco) e vitrais verdes. Na hora certa, ou seja, quatorze minutos depois do horário regulamentar, o professor De Samis saía do instituto, seguido a um metro de distância pelo assistente mais velho, e a dois metros pelos mais jovens, com menos de cinquenta. O assistente mais velho carregava os livros, os jovens, o gravador — ainda no fim da década de cinquenta os gravadores eram enormes, pareciam uns Rolls-Royces.

De Samis percorria os dez metros que separavam o instituto do salão como se fossem vinte: não seguia uma linha reta, e sim uma curva, não sei se parábola ou elipse, dizendo em voz alta “chegamos, chegamos!”, depois entrava no salão e se sentava numa espécie de pódio esculpido — sendo de esperar que começasse com “chamem-me Ismael”.

Dos vitrais a luz verde tornava cadavérico seu rosto que sorria maligno, enquanto os assistentes acionavam o gravador. Depois ele começava: “Ao contrário do que disse recentemente meu valoroso colega professor Bocardo...”, e assim ia por duas horas.

Aquela luz verde me induzia a sonolências aquosas, e isso era o que diziam também os olhos dos assistentes. Eu conhecia o sofrimento deles. Ao cabo de duas horas, enquanto nós, estudantes, nos dispersávamos lá fora, o professor De Samis mandava rebobinar a fita, descia do pódio, sentava-se democraticamente na primeira fila com os assistentes, e todos juntos ouviam de novo as duas horas de aula, enquanto o professor assentia com satisfação a cada trecho que lhe parecesse essencial. E note-se que o curso era sobre a tradução da Bíblia, no alemão de Lutero. Um tesão, diziam meus colegas, com olhar pasmo.

No fim do segundo ano, com baixíssima frequência, eu me arrisquei a solicitar uma tese sobre a ironia em Heine (achava consolador seu modo de tratar amores infelizes, com o que me parecia o devido cinismo — em termos de amor, eu estava me preparando para os meus):

— Vocês jovens, vocês jovens — dissera-me De Samis desconsolado — querem logo se atirar aos contemporâneos...

Entendi, numa espécie de revelação, que a tese com De Samis estava

extinta. Pensei então no professor Ferio, mais jovem, que tinha fama de inteligência fulgurante e se dedicava à época romântica e adjacências. Os colegas mais velhos, porém, me avisaram que de qualquer modo eu teria De Samis como segundo orientador, e que não devia me aproximar oficialmente do professor Ferio porque De Samis logo ficaria sabendo e me juraria ódio eterno. Eu precisaria seguir por vias transversais, como se Ferio tivesse me convidado a fazer a tese com ele, e De Samis ficaria zangado com ele, não comigo. De Samis odiava Ferio pela simples razão de que o pusera na cátedra. Na universidade (na época, mas acho que ainda hoje), as coisas andam ao contrário do mundo normal, não são os filhos que odeiam os pais, mas os pais que odeiam os filhos.

Achava que poderia me aproximar de Ferio como que casualmente durante uma das conferências mensais que De Samis organizava em seu salão nobre, frequentadas por muitos colegas porque ele sempre conseguia convidar estudiosos célebres.

Mas as coisas funcionavam da seguinte maneira: logo depois da conferência seguia-se o debate, que era monopolizado pelos docentes; depois todos saíam porque o orador era convidado para o restaurante La Tartaruga, o melhor do pedaço, estilo meados do século XIX, com garçons ainda de fraque. Para ir do ninho de águia ao restaurante era preciso percorrer uma longa galeria em arcada, depois atravessar uma praça histórica, virar na esquina de um palácio monumental e finalmente atravessar outra pracinha. Ora, ao longo da arcada o orador avançava cercado pelos professores titulares, seguido a um metro de distância pelos contratados, a dois metros pelos assistentes e a razoável distância pelos estudantes mais corajosos. Chegando à praça histórica, os estudantes se despediam, na esquina do palácio os assistentes pediam licença para retirar-se, os contratados atravessavam a pracinha mas apresentavam seus cumprimentos na porta do restaurante, onde só entravam o hóspede e os titulares.

Assim, o professor Ferio nunca soube da minha existência. Enquanto isso me desapeguei do ambiente, deixei de ir. Traduzia como um autômato, mas é preciso pegar o que aparece, e eu vertia em *dolce stil novo* uma obra em três volumes sobre o papel de Friedrich List na criação do *Zollverein*, a União Alfandegária Alemã. Dá para entender por que parei

então de traduzir do alemão, mas já era tarde para recomeçar na universidade.

O problema é que a gente não aceita a ideia: continua vivendo convencido de que um dia ou outro vai acabar todos os exames e defender tese. E quem vive cultivando esperanças impossíveis já é um perdedor. E, quando percebe isso, aí sim se entrega.

De início, encontrei trabalho como preceptor de um garoto alemão, burro demais para ir à escola; era em Engadina. Ótimo clima, solidão aceitável, e resisti um ano porque o pagamento era bom. Até que um dia a mãe do garoto me encurralou num corredor, dando-me a entender que não lhe desagradaria entregar-se (a mim). Era dentuça e tinha uma sombra de bigode, dei-lhe a entender cortesmente que eu não era da mesma opinião. Três dias depois fui despedido, porque o garoto não progredia.

Então sobrevivi escrevindo uns textos. Pensava em escrever para jornais, mas tive acolhida apenas em alguns periódicos locais, coisas como crítica teatral para espetáculos de província e companhias itinerantes. Ainda tive tempo de resenhar por uns tostões os teatros de revista, espiando nos bastidores as bailarinas vestidas de marinheiro, fascinado por suas celulites, e seguindo-as à leiteria para jantar um café com leite e, se não estivessem na pendura, um ovo na manteiga. Ali tive minhas primeiras experiências sexuais com uma cantora, em troca de uma notinha favorável para um jornal de Saluzzo, mas era o que lhe bastava.

Estava sem pátria, vivi em cidades diferentes (vim para Milão só por causa do telefonema de Simei), revisei provas para ao menos três editoras (universitárias, nunca das grandes), para uma fiz a revisão dos verbetes de uma enciclopédia (era preciso verificar datas, títulos de obras, e assim por diante), trabalhos com que criei aquilo que a certa altura Paolo Villaggio chamou de cultura monstruosa. Os perdedores, assim como os autodidatas, sempre têm conhecimentos mais vastos que os vencedores, e quem quiser vencer deverá saber uma única coisa e não perder tempo sabendo todas, o prazer da erudição é reservado aos perdedores. Quanto mais coisas uma pessoa sabe, menos coisas deram certo para ela.

Dediquei-me durante alguns anos a ler manuscritos que as editoras (algumas vezes também as importantes) me passavam, porque nelas ninguém tem vontade de ler os manuscritos que chegam. Pagavam cinco

mil libras por manuscrito, eu passava o dia todo deitado na cama lendo furiosamente, depois redigia um parecer de duas laudas, contendo o melhor do meu sarcasmo para destruir o autor imprudente, na editora todos ficavam aliviados, escreviam ao imprevidente que lamentavam recusar etc. Ler manuscritos que nunca serão publicados pode virar profissão.

Nesse meio-tempo tinha havido a coisa com Anna, que acabou como devia. A partir daí nunca mais consegui (ou não desejei ferozmente) pensar com interesse em nenhuma mulher, porque tinha medo de falhar de novo. O sexo foi satisfeito de modo terapêutico, algumas aventuras casuais, daquelas que não dão medo de se apaixonar, uma noite e pronto, obrigado, foi legal, e algumas relações periódicas pagas, para não ficar obcecado pelo desejo (as bailarinas tinham me tornado insensível à celulite).

No entanto, eu tinha o sonho que todos os perdedores têm, de algum dia escrever um livro que me desse glória e riqueza. Para aprender a ser um grande escritor trabalhei até como *nègre* (ou *ghost-writer*, como se diz hoje para ser politicamente correto) para um autor de romances policiais, que, por sua vez, para vender assinava com nome americano, como os atores dos “westerns spaghetti”. Mas era bom trabalhar à sombra, coberto por duas cortinas (o Outro e o outro nome do Outro).

Escrever romance policial alheio era fácil, bastava imitar o estilo de Chandler ou, na pior das hipóteses, de Spillane; mas, quando tentei inserir algo que fosse meu, percebi que para descrever alguém ou algo eu remetia a situações literárias: não era capaz de dizer que fulano estava passeando numa tarde límpida e clara, mas dizia que estava andando “sob um céu digno de Canaletto”. Mas depois me dei conta de que D’Annunzio também fazia isso: para dizer que certa Costanza Landbrook tinha algumas qualidades, ele escrevia que ela parecia uma criatura de Thomas Lawrence; sobre Elena Muti, observava que seus traços lembravam certos perfis de Moreau jovem, e Andrea Sperelli lembrava o retrato do fidalgo desconhecido da Galleria Borghese. E assim, para ler um romance, era preciso ir folhear os fascículos de alguma enciclopédia da história da arte vendida em bancas de jornal.

Se D’Annunzio era mau escritor, não significava que eu também deveria

ser. Para me livrar do vício da citação decidi parar de escrever.

Em suma, não foi uma grande vida. E, com cinquenta anos completos, chegou-me o convite de Simei. Por que não? Enfim, valia a pena tentar mais aquela.

O que faço agora? Se ponho o nariz para fora, me arrisco. Melhor esperar aqui, no máximo estão lá fora esperando que eu saia. E eu não saio. Na cozinha há vários pacotes de biscoito de água e sal e latas de carne. De ontem à noite também sobrou meia garrafa de uísque. Pode servir para ajudar a passar um dia ou dois. Despejo duas gotas (e depois talvez outras duas, mas só à tarde, porque bebida de manhã atordoa) e tento voltar ao início dessa aventura, sem necessidade nenhuma de consultar o disquete porque lembro tudo, pelo menos por enquanto, com lucidez.

O medo de morrer dá alento às lembranças.

II

Segunda-feira, 6 de abril de 1992

Simeï tinha cara de outro. Quero dizer, nunca me lembro do nome de quem se chama Rossi, Brambilla e Colombo, ou mesmo Mazzini ou Manzoni, porque tem o nome de outro, só lembro que teria o nome de outro. Pois bem, da cara de Simeï não era possível lembrar porque parecia a cara de alguém que não era ele. De fato, ele tinha a cara de todos.

— Um livro? — perguntei-lhe.

— Um livro. As memórias de um jornalista, o relato de um ano de trabalho para preparar um jornal que nunca sairá. Por outro lado o título do jornal deveria ser *Amanhã*, parece um lema para os nossos governos: cuidamos disso amanhã. Portanto o livro deverá chamar-se *Amanhã: ontem*. Bonito, não?

— E quer que eu o escreva? Por que o senhor não o escreve? É jornalista, não? Pelo menos, como está para dirigir um jornal...

— E quem disse que ser diretor significa saber escrever? Que ser ministro da Defesa é saber atirar uma granada? Claro que, durante todo o ano que vem, o livro será discutido dia a dia, o senhor vai ter de botar o estilo, o tempero, mas as linhas gerais eu controlo.

— Quer dizer que o livro será assinado pelos dois, ou como entrevista de Colonna e Simeï?

— Não, não, caro Colonna, o livro vai ser publicado com o meu nome, o senhor, depois de escrevê-lo, vai precisar desaparecer. O senhor, sem querer ofender, vai ser um *nègre*. Dumas tinha um, não entendo por que eu não possa ter.

— E por que escolheu a mim?

— Porque o senhor tem dotes de escritor...

— Obrigado.

— ... mas ninguém nunca percebeu.

— Obrigado mais uma vez.

— Se me permite, até agora escreveu apenas para jornais do interior, foi um braçal da cultura em algumas editoras, escreveu um romance para outra pessoa (não me pergunte como, mas ele veio parar nas minhas mãos e funciona, tem ritmo), está com uns cinquenta anos e veio correndo quando ficou sabendo que eu talvez tivesse um trabalho para lhe dar. Portanto, sabe escrever e sabe o que é um livro, mas vive mal. Não deve se sentir envergonhado. Eu também, se estou para dirigir um jornal que nunca vai sair, é porque nunca fui candidato ao prêmio Pulitzer, dirigi apenas um semanário esportivo e uma revista mensal só para homens, ou para homens sós, veja o senhor...

— Eu poderia ter dignidade e recusar.

— Não vai fazer isso porque lhe ofereço seis milhões por mês durante um ano, limpos.

— É muito para um escritor falido. E depois?

— Depois, quando me entregar o livro, digamos no prazo de seis meses a partir do término da experiência, outros dez milhões, no ato, em espécie. E esses vão sair do meu bolso.

— E depois?

— Depois é com o senhor. Se não tiver gastado tudo em mulheres, cavalos e champanhe, terá recebido em um ano e meio mais de oitenta milhões isentos de impostos. Aí vai poder procurar outro emprego com calma.

— Deixe-me ver se entendi. Se está me dando seis milhões, sabe-se lá com quantos vai ficar, desculpe, além disso haverá outros redatores, mais os custos de produção, impressão e distribuição, e está me dizendo que alguém, um editor, suponho, está disposto a custear durante um ano essa experiência para depois não fazer nada com ela?

— Eu não disse que não vai fazer nada com ela. Ele vai ter seu retorno. Mas eu não, se o jornal não sair. Naturalmente não posso excluir a possibilidade de no fim o editor decidir que o jornal vai sair de verdade, mas nessa altura o negócio vai ficar grande e eu me pergunto se ele ainda vai querer que eu cuide dele. Portanto, eu me preparo para o fato de, passado esse ano, o editor decidir que a experiência já deu os frutos esperados e que ele pode desmontar o circo. Assim eu me preparo: se tudo gorar, publico o livro. Vai ser uma bomba e vai

me render uma nota em direitos autorais. Ou então (só uma suposição) alguém pode não querer que eu publique e me dá uma quantia. Isenta de impostos.

— Entendi. Mas, se quiser que eu colabore lealmente, talvez seja bom me dizer quem paga, por que existe o projeto *Amanhã*, por que ele talvez não dê certo e o que o senhor vai dizer no livro que, modéstia à parte, eu terei escrito.

— Pois bem, quem paga é o comendador Vimercate. Deve ter ouvido falar dele...

— Sei de Vimercate, vira e mexe está nos jornais: controla dezenas de hotéis na costa do Adriático, muitas casas de repouso para aposentados e inválidos, uma série de negócios sobre os quais se comenta à boca pequena, algumas emissoras de televisão locais que começam a transmitir às onze da noite só leilões, televentas e alguns shows escrachados...

— E umas vinte publicações.

— Revistinhas, acho, fofocas sobre artistas como *Eles*, *Peeping Tom*, e semanários sobre inquéritos judiciais como *Crime ilustrado*, *Por baixo do pano*, porcaria, *trash*.

— Não, também revistas especializadas, jardinagem, viagens, automóveis, veleiros, *Médico em casa*. Um império. Bonito este escritório, né? Há até uma figueira-da-borracha, como no escritório dos chefões da RAI. E temos à disposição um *open space*, como se diz nos Estados Unidos, para os redatores, uma salinha para o senhor, pequena mas decente, e uma sala para o arquivo. Tudo grátis, neste prédio que reúne todas as empresas do Comendador. Quanto ao resto, para a produção e a impressão dos números zero serão usadas as instalações das outras revistas, e assim o custo da experiência se reduz a níveis aceitáveis. E estamos praticamente no centro, e não como os grandes diários, que agora a gente precisa pegar dois metrô e um ônibus para chegar até lá.

— Mas o que o Comendador espera dessa experiência?

— O Comendador quer entrar para o clube de elite das finanças, dos bancos e, quem sabe, dos grandes jornais. O instrumento é a promessa de um novo diário disposto a dizer a verdade sobre todas as coisas. Doze números zero, digamos 0/1, 0/2, e assim por diante, impressos em pouquíssimos exemplares reservados que o Comendador vai avaliar e depois dará um jeito para que sejam vistos por pessoas que ele lá sabe. Quando o Comendador demonstrar que pode pôr em dificuldades aquilo que se chama de clube de elite das finanças e da política, é provável que o clube de elite lhe peça para parar com essa ideia,

então ele desiste do *Amanhã* e consegue licença para entrar no clube de elite. Suponhamos, só para dar um exemplo, que apenas uns dois por cento de ações de um grande diário, de um banco, de um canal de televisão importante.

Assobiei:

— Dois por cento é muito! Ele tem dinheiro para um empreendimento desse tipo?

— Não seja ingênuo. Estamos falando de finanças, não de comércio. Primeiro você compra, depois vê que o dinheiro para pagar aparece.

— Entendi. E também entendo que a experiência só vai funcionar se o Comendador não disser que no fim o jornal não vai sair. Todos deverão acreditar que as rotativas estão tinindo de impaciência, digamos...

— Claro. Que o jornal não vai sair o Comendador não disse nem a mim, eu simplesmente desconfio, ou melhor, tenho certeza. E os nossos colaboradores não vão poder saber disso; vamos vê-los amanhã: eles precisarão trabalhar achando que estão construindo seu futuro. Dessa história só eu e o senhor sabemos.

— Mas o que vai acontecer ao senhor se escrever tudo o que fez em um ano para favorecer a chantagem do Comendador?

— Não use a palavra chantagem. Vamos publicar notícias, como diz o *New York Times*, “all the news that’s fit to print”...

— ... e quem sabe algumas mais...

— Estou vendo que me entende. Se o Comendador usar os nossos números zero para assustar alguém ou para limpar o traseiro, isso é lá com ele, não com a gente. Mas a questão é que o meu livro não deverá contar o que decidimos nas nossas reuniões da redação, porque para isso eu não precisaria do senhor, um gravador seria suficiente. O livro deverá dar ideia de outro jornal, mostrar como durante um ano eu me esforcei para realizar um modelo de jornalismo independente de qualquer pressão, dando a entender que a aventura acabou mal porque não se podia dar vida a uma voz livre. Para isso o senhor vai precisar inventar, idealizar, escrever uma epopeia, não sei se me explico...

— O livro dirá o contrário do que aconteceu. Muito bem. Mas o senhor será desmentido.

— Por quem? Pelo Comendador, que precisaria dizer que não, que o projeto só tinha em mira uma extorsão? Melhor deixar pensarem que precisou desistir porque também foi submetido a pressões, preferiu matar o jornal para que ele

não se tornasse uma voz, como se diz, teleguiada. E vamos ser desmentidos pelos nossos redatores, que serão apresentados no livro como jornalistas incorruptíveis? Meu livro será um *betzeller* — pronunciava assim, como todos —, e ninguém vai querer, nem saber, se opor a ele.

— Tudo bem, já que nós dois somos homens sem qualidades, desculpe a citação, aceito o pacto.

— Gosto de tratar com gente leal que diz o que tem no coração.